

Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos

Hermínio C. Miranda

Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	
1 — TÉCNICA DA COMUNICAÇÃO ESPÍRITA	
2 — A CIÊNCIA À PROCURA DO ESPÍRITO	
3 — DESDOBRAMENTO E PERISPÍRITO	
4 — UM ESTUDO SOBRE APARIÇÕES	
5 — “AS TRÊS FACES DE EVA”	
6 — MAIS UM LIVRO DO DR. RHINE	
7 — A SOBREVIVÊNCIA	
I) Argumentação filosófica	
II) Depoimento da Parapsicologia	
III) Depoimento científico	
IV) Contribuição das Religiões	
V) Os fatos	
8 — UMA REVISÃO DOS ENSINOS DE SWEDENBORG	
9 — “A MEDIUNIDADE E A LEI”	
10 — “SEGREDOS DA MEDIUNIDADE”	

11 — INSPIRAÇÃO E MEDIUNIDADE	
12 — EXPERIÊNCIA COM OS “COGUMELOS MÁGICOS”	
13 — O “COGUMELO SAGRADO”	
14 — PARAPSIKOLOGIA E FARMACOLOGIA	
15 — UM PRECURSOR ESQUECIDO: DANIEL DUNGLAS HOME	
16 — “LUZES E SOMBRAS DO ESPIRITUALISMO”	
17 — SYBIL — O DRAMA DA POSSESSÃO	
18 — POSSESSÃO E EXORCISMO	

A TRAJETÓRIA DAS ALMAS

Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos, lançamento do Departamento Editorial da *Federação Espírita Brasileira* poucos meses depois de *Reencarnação e Imortalidade*, no final de 1976, e deste o natural seguimento e, segundo todas as indicações, terá do nosso público leitor a mesma favorável acolhida.

O que disse o prefaciador no seu *À guisa de prefácio* ao volume *Reencarnação e imortalidade* e extensivo a este, integrantes ambos, a rigor, de uma só e mesma obra.

Os escritos de Hermínio C. Miranda refletem aspectos importantes da vida real dos seres humanos, seres eternos e imortais, que sobrevivem ao fenômeno da morte e tornam a reencarnar, evoluindo nos planos visível e invisível do planeta, intercomunicantes e solidários entre si. Além disso, provam, sem margem a quaisquer sofismas, a comunicabilidade dos mesmos seres hoje, entre os dois planos referidos, como há milênios, do que são atestados inconfundíveis as escrituras de todos os séculos e de diferentes povos.

Explica o Espírito Emmanuel¹ que, “isoladamente, cada um tem no planeta o mapa das suas lutas e dos seus serviços”, sendo “o berço de todo homem o princípio de um labirinto de tentações e de dores, inerentes à própria vida na esfera terrestre, labirinto por ele mesmo traçado e que necessita palmilhar com intrepidez moral”. E conclui:

¹ “Emmanuel — Dissertações Mediúnicas”, por Francisco Cândido Xavier, cap. XXXVI, 8a edição, FEB, 1977.

“Qualquer alma tem o seu destino traçado sob o ponto de vista do trabalho e do sofrimento, e, sem paradoxos, tem de combater com o seu próprio destino, porque o homem não nasceu para ser vencido; todo espírito labora para dominar a matéria e triunfar dos seus impulsos inferiores”.

Militando nas colunas de *Reformador*, o mensário quase centenário da Casa de Ismael, numa atividade perseverante ao longo de mais de dois decênios, o autor deste livro, e de outros que estão sendo examinados ou programados pelo nosso Departamento Editorial, tem sido invariavelmente o estudioso que ajuda, com a sua palavra de serenidade, lógica e fé, os caminheiros que se embrenham pelo *labirinto* das provas e expiações, dando-lhes as indicações que lhes facilitem a identificação da *saída* da sombra para a luz.

E ainda Emmanuel² quem declara, a propósito da trajetória das almas: “Da irritabilidade à sensação, da sensação à percepção, da percepção ao raciocínio, quantas distâncias preenchidas de lutas, dores e sofrimentos!... Todavia, desses combates necessários promana o cabedal de experiências do espírito em sua evolução gloriosa. A racionalidade do homem é a suprema expressão do progresso anímico que a Terra lhe pode prodigalizar; ela simboliza uma auréola de poder e de liberdade que aumentam naturalmente os seus deveres e responsabilidades. A conquista do livre-arbítrio compreende as mais nobres obrigações. Chegado a esse ponto, o homem se encontra no limiar da existência em outras esferas, onde a matéria rarefeita oferece novas modalidades de vida, em outras mais sublimes manifestações...”.

Foi por entender da maior conveniência que os trabalhos de Hermínio C. Miranda, já publicados em nosso

² Idem, cap. XXXII.

periódico, se tornassem acessíveis a todos os espíritas e estudiosos em geral, em forma de livros, que lhe sugerimos a elaboração das duas coletâneas, dentre os estudos dados à luz nesse período. Organizadas com o devido cuidado, não sem antes serem submetidos os respectivos textos à minuciosa revisão e atualização, podem elas representar nas estantes de todos nós uma síntese de variadas e vastas obras, verdadeira biblioteca especializada, de interesse permanente e sempre ao alcance para consulta ou simples leitura.

FRANCISCO THIESEN
Presidente da Federação Espírita Brasileira

Rio de Janeiro, 31 de março de 1977.

TÉCNICA DA COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

Muito interessa aos espíritas o problema da comunicação. No contexto da nossa Doutrina, a sua técnica se desdobra em dois aspectos distintos e complementares, ambos de extrema importância: a comunicação entre os espíritos e os encarnados, e aquela que somente ocorre entre estes últimos. A primeira, pela sua condição especial, ficou, na terminologia espírita, com o nome de *comunicação mediúnica*, por exigir o concurso de um intermediário (o médium) entre as duas faces da vida³. Na comunicação en-

³ É possível que futuramente sejam criados aparelhos suficientemente sensíveis para servirem de instrumentos de comunicação mediúnica, mas até agora estamos na dependência do médium humano. Acho mesmo que é bom que assim seja, pois do contrário, presa ao retardamento moral em que ainda se debate a humanidade terrena, teríamos em breve computadores mediunizados prontos para venderem informações espirituais por linha impressa. Não faltariam, por certo, Espíritos dispostos a prestarem esse *serviço* a troco de algumas vítimas para os seus métodos de obsessão.

tre os homens, o processo é direto e prescinde do médium. Numa, recebemos mensagens reveladoras do mundo espiritual; noutra, procuramos transmitir ao nosso semelhante as ideias, que constituem a essência da Doutrina Espírita.

Ao estudarmos com maior atenção as estruturas dos dois processos, verificamos facilmente que têm pontos fundamentais de identidade e semelhança, como veremos.

Antes, porém, uma definição. O verbo comunicar vem do latim *communicare*, isto é, tornar comum, partilhar, transmitir, divulgar, propagar. Logicamente, portanto, qualquer sistema de comunicação exige um instrumento, um aparelho. Na comunicação mediúcnica, o médium exerce essa função; nos processos que se desenvolvem entre os homens, os aparelhos são outros: imprensa, rádio, cinema, televisão, todo o instrumental, enfim, da moderna informática, aliás, chamado *media*.

A decomposição do processo revela o seguinte: em todo sistema de comunicação — mediúcnica ou não — o componente inicial é a ideia, concebida na mente daquele que deseja transmiti-la a alguém. É evidente que a clareza da comunicação dependerá fortemente da maior ou menor lucidez que existir na concepção da ideia original. Se o pensamento for confuso e mal formulado, a comunicação não poderá ser bastante clara e bem ordenada. Se for de baixo teor, propagará aspectos negativos da natureza humana e acarretará danos imprevisíveis por onde passar, desde sua fonte até à sua destinação.

O segundo componente do sistema é a expressão formal do pensamento. Aquele que deseja transmitir uma ideia, terá de traduzi-la de alguma forma, segundo o processo que tiver à sua disposição. Isso porque nós não pensamos em palavras e sim em imagens ou impressões fugidias que passam pelo nosso consciente como *flashes*

velozes que precisamos agarrar às pressas para que não se percam. O primeiro trabalho é, pois, o de converter pensamentos, ideias, sensações e impressões em um sistema de códigos, sinais ou imagens sensoriais que sejam comuns a uma grande quantidade de gente. (Notem a expressão *comum* que espontaneamente aparece no texto, evidenciando o sentido das palavras *comunicar* e *comunicação*.) Se o pensamento deve ser expresso em palavras, há que fazer a escolha da língua; se for em imagens, é preciso decidir quanto à forma, à cor, ao tamanho e ao processo de divulgação (serão impressas, desenhadas, representadas em esculturas tridimensionais?).

Com isto chegamos ao terceiro componente do processo de comunicação, que é a interpretação por parte daquele que a recebe. É evidente, portanto, que a mensagem não é recebida na sua forma original, tal como foi concebida na mente daquele que a enviou, e sim já convertida num dos meios usuais empregados para torná-la comum, ou seja, para comunicá-la. Isso quer dizer que ela passou por um processo de codificação, ao ser transformada em sinais ou símbolos de ideias que surgem no plano do nosso entendimento como representações das próprias ideias. É que na fase atual da nossa evolução espiritual ainda não podemos transmitir o nosso pensamento na sua forma original, com a dispensa dos símbolos criados para comunicá-lo. Cabe, assim, àquele que recebe a mensagem, decodificá-la para reconvertê-la à forma original e ser então absorvida como pensamento puro.

Alcançamos o quarto componente do processo de comunicação quando a reação do recipiendário ao conteúdo da mensagem recebida é enviada de volta à fonte de onde proveio (*feedback*), provocando, por sua vez, eventual reação.

Há, dessa forma, um mecanismo cíclico no processo, condição básica do que hoje chamamos diálogo, mas para os objetivos da nossa modesta especulação basta ficarmos na terceira fase, que já teremos bastante material para alimentar a meditação, dirigindo-a para os processos da comunicação espírita.

Imaginemos o mecanismo em ação. O Espírito desencarnado deseja transmitir a ideia de que a clareza da mensagem depende da pureza daquele que a recebe, ou seja, da sua boa predisposição psíquica e moral. De muitas maneiras se poderia vestir essa imagem: transmiti-la em palavras — prosa e verso; em imagens — coloridas ou não, fixas ou móveis; e até em sons ou em combinações audiovisuais, tão ao gosto da técnica moderna.

Vejamos o que fez com ela Neio Lúcio, no grande livrinho *Jesus no lar*, 6ª edição da FEB, cap. 3, pág. 15:

Sara, esposa de Benjamim, um criador de cabras, comenta sua dificuldade em integrar-se na ideia do Reino de Deus pregada pelo Mestre. Por onde começar? Que fazer? Como fugir das velhas fórmulas desgastadas, mas persistentes? Como perdoar os que a ofendam? Como livrar-se do apego aos bens terrenos?

Pedro aconselha boa vontade. A mulher de Simão sugere os caminhos da fé em Deus, mas todos sentem que a grande palavra ainda não foi pronunciada. Ao cabo de longo silêncio, Jesus lhe pergunta qual a principal atividade da casa.

— É a criação de cabras — diz Sara, sem entender o alcance da interpelação.

E como fazia ela para conservar o leite? Isto era simples e disto ela entendia. Era preciso, em primeiro lugar, lavar as vasilhas com extremo cuidado. Se ficasse qualquer detrito, o leite azedaria.

Nesse suporte monta-se a imagem tão sublime e de tão fácil poder de comunicação: assim é a revelação celeste, diz Jesus. Se não purificarmos o vaso da alma, o conhecimento, mesmo que seja superior, se confunde com os detritos que remanesçam em nosso íntimo e reduz a importância e o impacto dos benefícios que poderíamos receber, da mesma forma que o leite azedo não está perdido, mas não serve mais para o uso habitual. Lembra Jesus que Moisés e os profetas foram grandes mensageiros, mas aqueles que os ouviram não estavam suficientemente purificados e limpos de espírito para receber as mensagens como deviam e interpretá-las corretamente. “O leite puro dos esclarecimentos elevados penetra o coração como alimento novo, mas aí se mistura com a ferrugem do egoísmo velho. Do serviço renovador da alma restará, então, o vinagre da incompreensão, adiando o trabalho efetivo do Reino de Deus”.

E, no fecho da comunicação tão singela e penetrante, um resumo da ideia que a motivou:

— O orvalho num lírio alvo é diamante celeste, mas, na poeira da estrada, é gota lamacenta. Não te esqueças desta verdade simples e clara da Natureza.

Aí está exposto e exemplificado o processo todo da comunicação, tal como ensinam os modernos técnicos e especialistas. A ideia original, na mente daquele que a concebeu, ou seja, o Espírito Neio Lúcio; a sua conversão num dos códigos de comunicação, no caso, a palavra escrita da Língua Portuguesa; o terceiro componente é o leitor que a estuda, interpreta e sente o conteúdo emocional da mensagem. Como se trata de comunicação mediúnica, não poderia faltar no processo a presença do médium, o nosso querido Chico que, cuidando sempre do seu instrumental,

procura oferecer aos nossos amigos espirituais o vasilhame limpo de que nos fala Jesus na palavra de Neio Lúcio.



A outra face da comunicação que interessa a nós, espíritas, é a da divulgação do conteúdo espiritual da Doutrina entre os homens, através da palavra falada ou escrita.

Nesse campo temos à disposição todo o vastíssimo e aperfeiçoado aparelhamento moderno, mas é evidente que esses mesmos métodos que nos facultam enormes possibilidades de ampliação dos horizontes espirituais da Humanidade ditam, com igual força, as limitações que nos aprisionam dentro dos rígidos esquemas da nossa era. É que a nossa mensagem de paz e de entendimento, de luz e de amor, tem de competir com todo o imenso alarido que as baterias da publicidade moderna criaram para disputar a atenção do homem, atraindo-a para fins imediatistas e materialistas. Além do mais, pesquisas realizadas por especialistas, revelaram que o impacto da mensagem publicitária sobre as massas humanas está na razão inversa da sua seriedade. Isso quer dizer, portanto, que é mais fácil obter a atenção do público para comunicações frívolas, que apelam para os sentidos e para os interesses imediatos, do que para as que tenham conteúdo sério, elevado, dirigidas para os objetivos superiores da vida. Esses fatores, habilmente explorados pelos técnicos da comunicação, resultam na certeza de que é mais fácil convencer alguns milhões de seres a comprarem determinada marca de cigarros do que levá-los à mudança de um ponto de vista acerca de problemas sociais, políticos, econômicos ou religiosos, em especial estes últimos, que representam conceitos que a muitos parecem enormemente distanciados das realidades do mundo em que vivem.

Cabe-nos, pois, estar preparados para a divulgação das nossas ideias. Os métodos que temos de usar são aqueles que hoje se nos oferecem. Não estamos mais nos doces tempos de Paulo, quando uma simples epístola manuscrita, em uma só via, era remetida por mensageiros a pé, através do mundo, para alcançar Corinto, Roma ou Éfeso. E lá ficavam e de lá se irradiavam lentamente para outros pontos, de mão em mão, de século em século. As comunicações são hoje impressas aos milhares, aos milhões, em livros, jornais, revistas, folhetos e filmes, gravadas em fita magnética, confiadas à memória dos computadores. A palavra falada é ampliada por microfones poderosos, espalhada pelo rádio, pelo cinema e pela televisão, via satélites artificiais que giram acima de nossas cabeças. Os fenômenos psíquicos explodem cada dia mais alto, nas manchetes dos grandes diários da imprensa leiga. Mas a atenção do homem é errática e superficial, porque inúmeras outras solicitações veementes pululam à sua volta.

Temos, pois, de estudar os métodos do mundo e aperfeiçoar cada vez mais a nossa técnica. Seja o nosso falar sim, sim; não, não, como queria o Mestre. Seja a linguagem direta, sem floreios, que a época não mais comporta, mas com um conteúdo legítimo de autenticidade, apoiado na coragem moral de declarar alto e bom som a nossa posição. Somos espíritas, somos espíritos, temos uma mensagem intemporal de amor e paz. Se falharmos na transmissão dessa mensagem, quem poderá estimar o retardamento das conquistas maiores que nos esperam lá na frente, lá no alto?

Naquilo que recebemos dos nossos amigos espirituais, procuramos encontrar, com honestidade e diligência, a pureza da ideia primitiva que os impulsionou. Naquilo que transmitirmos aos nossos irmãos, tratemos de colocar em

ordem o nosso pensamento, para que saia puro o teor da mensagem. Ela corre sempre o risco de *azedar*, se não cuidarmos da limpeza imaculada do vasilhame que a recebe e a retransmite. Acima de tudo isso, não abandonemos as fontes de onde flui toda essa água cristalina que aplaca a nossa sede de luz e de amor: o Evangelho de Jesus e a obra monolítica de Kardec.

A CIÊNCIA À PROCURA DO ESPÍRITO

Comparando-se o adiantamento da literatura espírita em todo o mundo, com o reconhecimento *oficial* da fenomenologia, somos levados a uma certa impaciência muito humana, diante da lentidão com que, às vezes, caminha a Ciência, atrás dos grandes rasgos de intuição espiritual.

É bem verdade que poderemos citar uma dúzia de cientistas de alto quilate moral e intelectual, que concluíram, inapelavelmente, pela legitimidade indiscutível dos postulados espíritas. Tais exemplos, no entanto, representam mais o pensamento isolado de alguns homens de maior acuidade mental e coragem moral, que o pronunciamento da Ciência.

Não obstante, é preciso ressaltar: aquilo que nos parece tão lento, condicionados que estamos à cadeia dimensional de espaço-tempo, não seja mais que uma faceta da suprema sabedoria de Deus, permitindo que as ideias se amadureçam, enquanto se avolumam as provas, até atingirem um ponto em que a Ciência oficial não possa mais

ridicularizar ou despachar, com meia dúzia de argumentos tolos, a evidência esmagadora dos fatos.

É, pois, necessário que exista a dúvida, para que haja crítica. Manifestando-se a crítica, vêm à tona novos argumentos e novos fatos em favor das ideias espiritualistas que, dessa forma, se vão tornando cada vez mais inatacáveis, mais convincentes, mais irrecusáveis. Temos que reconhecer — não sem certa dose de humildade cristã — que não basta nossa crença inabalável nos fenômenos demonstrados, para torná-los aceitáveis aos outros. É preciso, para vencer a resistência da ideia preconcebida ou da mera preguiça humana de pensar, não apenas a nossa convicção de mais de século, mas o pronunciamento oficial da Ciência, que, para muitos de nossos irmãos, será a palavra final sobre o assunto.

Por outro lado, a expectativa em torno desse pronunciamento parece criar, na própria Ciência, uma posição anticientífica que a leva à minuciosa pesquisa do mundo material, em detrimento das perquirições no domínio espiritual.

Se é necessário citar pontos de apoio a essa afirmativa, temo-lo no livro do famoso Dr. J. B. Rhine, *The reach of the mind*. Diz ele, a certa altura: *It is shocking but true that we know the atom to-day better than we know the mind that knows the atom*. Exatamente: é chocante, mas verdadeiro, que hoje conhecemos melhor o átomo, que a mente que conhece o átomo. Há, assim, flagrante disparidade entre o conhecimento do mundo material e as noções acerca do espírito. Não se admira, pois, a desorientação da Humanidade, nesta fase tão crítica da História. Para que houvesse equilíbrio, teria sido preciso que o conhecimento íntimo da matéria fosse balanceado com a maturidade que decorre do conhecimento do espírito. Fora disso, é o

caos, é a inversão de valores, é o perigo da submersão de toda a Humanidade numa onda de crimes e sofrimentos. Os riscos aí estão, pois que verdadeiras crianças grandes, imaturas, brincam inconscientemente com bombas atômicas arrasadoras.

Uma boa parte da falha cabe aos próprios cientistas que, vítimas de sua própria imaturidade, divorciam-se dos princípios espirituais e se deixam levar pela fatal ilusão de que nada mais existe além das fronteiras da matéria.

O que é ainda mais surpreendente é que alguns pesquisadores do fenômeno espírita se confundem e se perdem lamentavelmente nas conclusões, depois de terem reunido tantos elementos de iniludível solidez em favor da tese que — a despeito de suas dúvidas — pressentem ser a verdadeira.

Comentamos, alhures, o livro *You Live After Death*, no qual, após reunir tantos argumentos favoráveis, lógicos e aceitáveis em favor da doutrina da preexistência e da sobrevivência do espírito, o autor falha lamentavelmente, negando foros de autenticidade à tese reencarnacionista, consequência lógica, insubstituível, da imortalidade do espírito e propulsora de sua evolução.

Da leitura do livrinho do Dr. Rhine, também nos fica esse dissabor da conclusão falha ou medrosa, após coligar laboriosamente tantos elementos comprobatórios de certos aspectos da manifestação do espírito. O autor arma lindamente a equação, e, quando a gente pensa que ele vai concluir da forma indicada pelos dados do problema, sai com um resultado inesperado...

É uma pena que a exiguidade do espaço não nos permita uma análise mais profunda deste livro. Procuraremos, no entanto, traçar o esboço rápido de suas principais ideias, limitados, certamente, pela humilde condição de nossos conhecimentos.

Como sabe o leitor, J. B. Rhine é professor de Psicologia e Diretor do Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, nos Estados Unidos. De longa data, vem ele se dedicando ao estudo das faculdades do espírito; na verdade, desde 1930. O livro que ora examinamos é de 1948.

Espírito inquisitivo como é, o Dr. Rhine saiu à procura de algum fundamento racional para o fenômeno da percepção extrassensorial, a que chamou, abreviadamente, ESP. Sua preocupação estende-se ao problema da sobrevivência, a que alude, muito a medo, nas últimas páginas do livro. Anima-o, também, louvável desejo de aplicar os conhecimentos do problema espiritual em benefício do próprio homem, com o objetivo de melhorar as condições de vida neste planeta, ameaçado, em sua própria sobrevivência, pela incompreensão intrínseca do homem pelo homem. Parte ele do princípio sadio de que, se nos conhecêssemos melhor, melhor nos estimaríamos.

Não obstante todas essas boas intenções, o Dr. Rhine admite certas ideias preconcebidas que, na certa, dificultam e obscurecem suas conclusões finais.

Lembra, no início de seu livro, as crenças instiladas na criança e no adolescente, pelas religiões oficiais, para continuar dizendo que, ao atingir a fase de conhecimentos mais aprofundados, o estudante é levado irremediavelmente ao materialismo. É o primeiro impacto frio da Ciência. O jovem se informa sobre a origem e evolução da espécie humana, a íntima correlação entre cérebro e procedimento individual, o papel das glândulas e sua influência sobre a personalidade, por meio da química orgânica e começa a duvidar e a descrer. Por fim, o tiro de misericórdia: ele verifica que a criança somente amadurece quando se desenvolve o cérebro. E mais ainda: que determinadas funções mentais estão ligadas a não menos determinadas áreas do

cérebro e que, se aquelas áreas forem destruídas, desaparecem as funções correspondentes. É claro! Desaparecendo as pernas, desaparece a ação de caminhar; o corpo se apoia nas pernas, como o espírito se apoia no cérebro físico, para as manifestações na matéria. No entanto, a função de pensar não é orgânica, material — é espiritual. A prova é que o espírito pensa depois de desencarnado e o cadáver não pensa. Longe de ser o órgão autônomo do pensamento, o cérebro é uma espécie de muleta do espírito utilizada à falta de instrumento mais aperfeiçoado. Ora, continua o Dr. Rhine, se o cérebro não é mais que um conjunto de células materiais, produto do mesmo binômio energia-matéria que compõe o resto do Universo, o pensamento é um subproduto da matéria, uma função do cérebro. Em tal esquema, onde ficaria o espírito? Não há lugar para ele.

Mais adiante, embora reconhecendo a urgente necessidade de decidir, de uma vez, se o pensamento é ou não uma função do cérebro, o Dr. Rhine lança uma frase anticientífica, ao afirmar que “sempre que a Ciência entra em cena, desaparece a crença tradicional na natureza espiritual do homem”. Com isso — é ainda o Dr. Rhine quem o diz — os próprios cientistas se recusam a manifestar, de público, sua crença na alma, com receio de caírem no ridículo, perante seus colegas...

O certo é que, passando por cima de todas as convenções, o Dr. Rhine resolveu estudar a sério, por meio de métodos científicos, os fenômenos de telepatia, clarividência e o a que ele chama PK (*psychokinesis*).

As experiências são por demais conhecidas. Recordo, apenas, que o Dr. Rhine utilizou um baralho especial de 25 cartas, composto de cinco conjuntos diferentes entre si. Cada conjunto de cinco contém um símbolo impresso: um círculo, um quadrado, uma estrela, linhas onduladas

ou uma cruz. Primeiro, foi experimentada a faculdade extrassensorial de descobrir qual o símbolo de cada carta, previamente embaralhadas, sem tocá-las nem vê-las. Calculou-se, com assistência dos melhores matemáticos e estatísticos, as possibilidades e limites do acaso. Além desses índices, estaria então caracterizada a capacidade de percepção extrassensorial.

Muita coisa interessante foi revelada pelos testes então realizados. Embora a média fosse de sete cartas certas em 25, foram encontradas pessoas que acertavam 9 em 25, 15 em 25 e até mesmo todas as 25 cartas, o que estava astromonicamente acima do simples acaso. Os pesquisadores não puderam deixar de admitir, então, que o ser humano possui, em menor ou maior grau, a faculdade de percepção extrassensorial.

Isso era apenas o princípio. Outras conclusões viriam, ao cabo de outras experiências. Verificou-se também que o funcionamento da mente independe do espaço, porque é possível *transmitir* pensamento à distância. Uma pessoa fixa a imagem de determinada carta do baralho e outra, na mesma sala, em outra sala, em outro edifício ou até mesmo mais longe, procura *receber* a imagem. Também aí se encontraram provas suficientemente seguras e aceitáveis, em favor da percepção extrassensorial. Posteriormente, foi examinada a influência do espírito sobre a matéria. Note-se que o Dr. Rhine não fala ainda de espírito: prefere dizer *mente* (*mind*). O pesquisador empregou, nesta fase, dados de jogo.

Em seguida, testou a capacidade premonitória, a que ele chama profética. Verificou com isso que certas pessoas podem prever a ordem em que se vão colocar as cartas mecanicamente embaralhadas.

Enfim, o Dr. Rhine, a despeito de todo o seu ceticismo, não pôde deixar de reconhecer que a mente (espírito)

pode operar além do tempo e do espaço e pode influenciar a matéria. Sob este último aspecto, sua afirmativa é categórica: “A mente, como sistema não-físico, agindo de forma não-física sobre objetos físicos, produz efeitos físicos”. Descobriu ainda, muito surpreso, que essa influência física do espírito, sobre a matéria, estava intimamente ligada aos demais fenômenos de percepção extrassensorial.

Convencido, pois, da realidade do fenômeno, o Dr. Rhine se abalança então a filosofar sobre as tremendas consequências daquilo que verificou experimentalmente.

É justamente aí que lhe faltou o verdadeiro *insight*, que o levaria a compreender e se fazer compreendido. Reconhece, taxativamente, que não há alternativa senão a de aceitar a realidade, doa a quem doer. Diz mais: que toda contraexplicação razoável foi invocada, analisada e considerada inaplicável à questão. Depois de dizer isso, ele próprio sente que, talvez, tenha ido muito longe para um cientista e acrescenta: *These are strong and confident words*. São palavras veementes e confiantes. E continua: “... nos treze anos, durante os quais tenho escrito sobre faculdades psíquicas, nunca cheguei a usá-las”. Atrás dessas palavras está uma série indestrutível de pesquisas; o terreno é firme.

No entanto, a gente lê isso com certa reserva. Também no passado, cientistas de renome coligiram provas, em grande massa; também no passado, proclamaram, alto e bom som, o resultado de suas pesquisas e observações. Inúmeros outros, que igualmente obtiveram resultados excelentes, deixaram de se manifestar, paralisados por um tolo respeito humano. O Dr. Rhine não será o último a demonstrar a realidade do espírito. Contudo, para certo tipo de mentalidade, não adianta exhibir fatos, conclusões e resultados positivos: sempre que desejam falar do assunto,

retomam o problema na estaca zero, como se nada neste mundo se tivesse feito sobre ele. Mesmo o Dr. Rhine, cercado de perplexidades e dúvidas, reconhece que nenhum outro fenômeno na história da Ciência tem merecido tão pouco reconhecimento a despeito de tamanha massa de dados. “É uma surpresa para todos, descobrir quanta evidência existe em favor da percepção extrassensorial” (pág. 132).

Nas páginas que se seguem, o Dr. Rhine se encarrega de responder minuciosamente aos críticos que comentaram seus resultados. Cita, inclusive, o caso de um cientista que resolveu refazer as experiências, por sua própria conta, e chegou a conclusões surpreendentes.

No final de seu livro, o prof. Rhine, sempre cheio de cuidados, alinha suas razões fundamentais. Primeiro, previne o leitor: esteja preparado para ler os incríveis parágrafos que se seguem. Fala, então, sobre as vantagens da aplicação da faculdade extrassensorial, na descoberta de planos secretos — o que, a seu ver, eliminaria a possibilidade de guerras — ou na descoberta de crimes, por exemplo.

Por fim, lamenta que suas descobertas, em vez de resolverem os problemas existentes, suscitaram novos problemas.

A evidência não física do homem apoia-se em provas esmagadoras, segundo o autor. A hipótese da existência da alma ficou estabelecida, mas — e aí vêm suas prolongadas ressalvas — não o caráter supernatural da alma, sua origem divina, sua transmigração, sua imortalidade, nada... Embora suas conclusões tenham implicações religiosas, não está a Religião envolvida nelas. Admite, porém, com certa candura elogiável, que “até o momento” (*so far*) não existe conflito entre a alma psicológica e o sentido teológico do termo. Ainda bem. Quanto a nós, sabemos que nem até o momento, nem o futuro, irá ele, ou outro qualquer

pesquisador, encontrar conflitos dessa natureza, mas isso é outra história. Acrescenta que os dois conceitos diferem quando atingimos o domínio do que ainda não foi investigado cientificamente. Temos aqui uma contradição nada científica, com licença do Dr. Rhine: se o assunto ainda não foi investigado, como é que ele pode concluir que os mencionados conceitos diferem? Sem dúvida que muitas surpresas ainda aguardam o Dr. Rhine, na fecunda estrada que descobriu, especialmente quando verificar que, mesmo naqueles domínios virgens da investigação científica, ele há de descobrir que a alma psicológica e a religiosa são a mesma coisa, expressões diversas da mesma centelha divina.

Segundo o professor, a Parapsicologia já invadiu o domínio da Religião, quer queiram quer não; o problema da imortalidade é comum a ambas. Informa também o autor que no decorrer dos últimos 75 anos (até à data do livro) alguns dos cientistas mais eruditos e outros de menor expressão se declararam convencidos da sobrevivência, tal como revelado através do fenômeno mediúnico.

O Dr. Rhine, no entanto, ainda não está preparado para aceitar a sobrevivência, que diz ser problema muito difícil. Em suas próprias palavras, o problema deve ser formulado da seguinte forma: “Alguma parte da pessoa humana, de algum modo verificável, sobrevive à morte do corpo, por algum espaço de tempo?”. Embora — a seu ver — a resposta positiva não possa ser dada pela Ciência, a negativa é “*extremely difficult to obtain if indeed it is possible*”, ou seja, é “extremamente difícil de obter se é que é possível obtê-la”.

Dentro da lógica, ainda segundo o Dr. Rhine, a hipótese da sobrevivência poderia ser estabelecida à base da experimentação acumulada a respeito da percepção extrassensorial, porque já se provou que a mente humana está acima e além do tempo e do espaço, logo, é imortal. Mas o Dr.

Rhine não quer arriscar-se a assumir a responsabilidade do enunciado, com base na lógica. Quanto a esse aspecto, não o podemos censurar. Ele é um cientista, não um crente. Sua mente — diríamos seu espírito —, movida pelos conceitos matemáticos, estatísticos, lógicos, filosóficos e até morais — mas não religiosos — deseja encontrar fatos demonstráveis, provocados e controláveis de acordo com o procedimento *standard* de laboratório. Reservamo-nos o direito de temer pelo bom andamento de tais experiências, pois que, já no passado, buscava-se a alma na glândula pineal e, sempre que o bisturi lá chegava, a alma se tinha evolado para o Além. O pesquisador que desejar procurar o espírito humano, tem que abandonar ideias preconcebidas e desistir da ingenuidade de querer aprisioná-lo numa proveta ou examiná-lo sob as lentes do microscópio.

Certamente não faltam ao Dr. J. B. Rhine os petrechos técnicos, morais e materiais que muito o ajudarão nas suas pesquisas. Os resultados que já conseguiu são dos mais expressivos e muito fizeram pelo melhor entendimento do problema espiritual, para aqueles que não se acham ancorados nas águas tranquilas do espiritualismo.

Esperemos pelos resultados que ele puder encontrar. O fenômeno espírita, que Allan Kardec iluminou com a moral evangélica, pode esperar pacientemente, porque, como os próprios cientistas começam a reconhecer, a *mente* se sobrepõe com facilidade à nossa humana ideia do tempo e do espaço.

Que venham as pesquisas. A intuição dos grandes pensadores do Espiritismo já nos ensinou que Ciência e Religião são irmãs gêmeas, filhas do mesmo poder criador e diretor que é Deus. Sabemos, também, que, a despeito de todas as distorções e desvios do presente, suas rotas se encontrarão lá na frente, para nunca mais se afastarem.



Logo em seguida ao preparo do artigo, sobre *The Reach of the Mind*, do Dr. J. B. Rhine, proporcionou-me distinto amigo a oportunidade de ler também — desta vez em tradução francesa — um livro mais recente do Dr. Rhine: *New World of the Mind*, que, em francês, tomou o título de *Le Nouveau Monde de l'Esprit*. Ora, entre o primeiro livro citado e este último, vai um espaço de cinco anos, pois que *The Reach of the Mind* é de 1948 e *New World of the Mind*, de 1953. São cinco anos preciosos, em que o autor estudou, pesquisou e teve oportunidade de descobrir novos roteiros filosóficos.

Claro que não se pode ainda dizer que o Dr. Rhine se bandeou para o campo espiritualista; mas, comparando a substância filosófica dos dois livros, a gente quase que pode sentir a luta do cientista cético, sendo arrastado pela evidência esmagadora, irresistível, dos fatos que ele próprio vai analisando. E por isso, aqui e ali, o livro parece algo contraditório, como se o autor hesitasse na escolha de suas conclusões.



Logo no pórtico de seu livro, o Dr. Rhine fixa o objetivo da obra, que é o de reunir os fragmentos existentes sobre a Parapsicologia, indicar seu lugar no quadro do conhecimento e avaliar sua importância para a vida humana. O Dr. Rhine reconhece que esses fragmentos começam a mostrar — mesmo ao frio pesquisador — indícios de um desenho regular. Ele está sentindo as primeiras alegrias do homem que começa a acertar com o caminho, porque vislumbrou uma luzinha bruxuleante, lá na frente. A nota dominante de

seu livro é o combate ao materialismo cego, que ele encontrou especialmente entre seus colegas cientistas e, no meio destes, de modo muito particular, entre os psicólogos.

Nada de otimismo exagerados, porém, leitor espírita. O Dr. Rhine ainda não está preparado para dizer ao mundo aquilo que nós sabemos: que o espírito é uma realidade e que sobrevive à desintegração do corpo físico. Suas perplexidades ainda são muitas, tal como suas dúvidas e reservas. Mesmo depois de muito observar e catalogar fenômenos, documentá-los, analisá-los, ele ainda hesita em tirar dos fatos as conclusões óbvias que eles indicam. Suas observações vêm cheias de ressalvas, temores e reticências. Mas, não nos antecipemos.



No primeiro capítulo, o Dr. Rhine informa que não se trata de um mundo inteiramente novo para a Ciência. Em todos os tempos tem havido manifestações espontâneas, que a História conservou em seus registros. A seu ver, o mérito das experiências espontâneas está justamente no fato de haverem provocado o interesse da Ciência pelo assunto. Daí o nascimento da Parapsicologia. Cita casos, colhidos por ele mesmo. É uma pequena amostra desses muitos milhares de casos que todos nós conhecemos, que estão acontecendo diariamente, conosco, com pessoas conhecidas, parentes, amigos: premonições, visões, manifestações, enfim, de toda ordem. Tais fenômenos, a que ele também chama psíquicos, não somente são inexplicáveis, a seu ver, como ainda “são absolutamente impossíveis, se as concepções do mundo e do homem, ensinadas pelos manuais existentes, estão corretas”. Donde se conclui que os manuais precisam ser retificados, acrescentamos nós.

O Dr. Rhine começa então a discutir o estranho paradoxo de que até mesmo na Psicologia, Ciência da natureza humana, predominam as cegas concepções materialistas. Fechadas assim, na estreiteza de seus limites, as escolas psicológicas tornaram-se exemplos vivos da mais legítima antítese do espírito científico, chegando ao cúmulo de decidir que tudo quanto não admita explicação física sofre suspeição de supranaturalismo. Isto, numa Ciência que cuida da alma, é imperdoável.

Ora, os exemplos citados e alguns que o autor cita mais adiante, são absolutamente inexplicáveis, dentro dos processos materiais. A alternativa é lógica e o prof. Rhine a apresenta com suas habituais reservas, nestes termos: “Esses casos e uma multidão de outros semelhantes levam inegavelmente a pensar (não digo que eles demonstrem) que certas pessoas são às vezes tomadas de uma consciência perceptiva que lhes traz uma revelação etc...”. Notem as reservas, mas também a atitude de quem não pode e não quer deixar de admitir a verdade dos fatos.

Falando depois sobre telepatia, ele vai um pouco mais longe, ao afirmar que “... exemplos do que parece ser um contato entre espíritos, além da barreira do espaço, mais ainda que a própria clarividência, levam a pensar que existe, no espírito, algo que escapa às sujeições da matéria, impressionando as funções sensoriais. Permitem crer numa certa separação, pelo menos funcional, entre o espírito e o corpo”.

Convenhamos que já é uma grande concessão para um cientista que admite, claramente, seu próprio ceticismo.

Mas o Dr. Rhine lamenta que existam ainda tantas barreiras ao progresso mais rápido da Parapsicologia. A seu ver, seria preciso, inicialmente, que se separassem nitidamente as duas noções: a de espírito e a de pessoa. Só assim

poderiam ser ultrapassados os limites atuais das pesquisas parapsicológicas... Suas dúvidas, no entanto, levam-no a inexplicáveis contradições, pois que, após fazer tantas afirmativas seguras, sai com um disparate, dizendo que as pesquisas estão mais ou menos paralisadas, no momento, porque “ninguém sabe se existe mesmo o espírito, no sentido segundo o qual o entendemos”.



Logo em seguida, retomando o fio da discussão, informa que a confirmação *aparente* (note-se a ressalva) da sobrevivência se encontra em toda uma série de casos inexplicáveis. E cita alguns casos de efeitos físicos, como de louça partida, quadros desprendidos da parede, pêndulos paralisados etc., exatamente no instante em que ocorrem mortes, acidentes, ou outras emoções profundas com pessoas amigas, à distância. O Dr. Rhine reclama a necessidade de um estudo mais metódico do fenômeno, pois que não é possível qualquer progresso, quando os cientistas fecham os olhos a todos os fatos estranhos produzidos pela Natureza e se recusam a estudar o que não podem explicar satisfatoriamente. Muitos chegam mesmo a declarar que tais fatos são impossíveis.



Nas páginas seguintes, o Dr. Rhine se propõe a dizer alguma coisa sobre as conclusões a que chegou, depois de analisar o resultado dos inúmeros testes realizados com seres humanos *normais* (o grifo é meu e sobre o assunto ainda se dirá algo mais adiante). Confessa o Dr. Rhine que examinou todas as hipóteses que poderiam explicar os

fenômenos ou que tenham sido até aqui invocadas para explicá-los. “As hipóteses que acolhi — diz ele — não haviam sido consideradas como razoáveis até aqui, a não ser nos domínios da Religião. Mas elas foram verificadas pelos métodos mais rigorosos da investigação experimental”.

O capítulo seguinte nos conta as dificuldades que a Parapsicologia está encontrando, da maneira mais paradoxal do mundo, entre os psicólogos. Nós outros, que conhecemos a cega e fatal resistência que as religiões dominantes oferecem ao progresso do Espiritismo, simpatizamos com o Dr. Rhine. O normal seria que justamente entre os psicólogos fosse a Parapsicologia encontrar seus mais firmes defensores e os maiores interessados em seu progresso. Engano, leitor amigo: o que existe é uma tremenda reação, que muito surpreende o Dr. Rhine mas não aos veteranos batalhadores da Causa Espírita. Já sabemos — após um século de lutas — quanto têm custado as nossas vitórias. A Parapsicologia também terá que lutar pelas suas. E o combate mais renhido e mais desleal a espera justamente no campo daqueles que mais aptos estão para estender-lhe a mão.

Numa *enquete* feita nos Estados Unidos, de cada três psicólogos, um declarou que estava convencido de que não se produzia nenhum fenômeno extrassensorial, mesmo sem se darem ao trabalho de examinar sequer os resultados e os relatórios existentes sobre as exaustivas pesquisas feitas. É inacreditável semelhante atitude da parte de homens que se dizem cientistas. Há mais, porém. Um deles, examinando os trabalhos do Dr. Rhine, escreveu extenso arrazoado, concluindo que seus “critérios externos de Física e de Psicologia dizem que ela (a percepção extrassensorial) não existe, a despeito dos fatos relatados”(!). É até ridículo que um psicólogo, isto é, um cidadão que tem por obrigação

conhecer um pouco da mente humana, nos venha afirmar, como qualquer materialista ignorante, que não acredita na percepção extrassensorial porque os fenômenos respectivos não podem ser *materialmente* explicáveis. Afinal de contas, esses homens cuidam da Psicologia, que, por definição, é a Ciência da alma, do comportamento humano e não da Biologia ou da Fisiologia.

O fato certamente chocou o Dr. Rhine, que se mostra algo irritado com seus colegas, chegando a dizer, de maneira bastante justa e pitoresca, que esses homens “estão serrando o galho sobre o qual se acham sentados”.

Particularmente, acho que as religiões dominantes estão sentadas nesse mesmo galho.



O Dr. Rhine faz extensos comentários sobre a atitude surpreendente dos psicólogos, dizendo que o preconceito materialista é universal. Alguns cientistas ainda se deixam convencer, quando colocados diante dos fatos; outros se recusam terminantemente a admiti-los. Sem dúvida que, esperar que fatos psíquicos se encaixem, como peças de *puzzle* no quadro da ciência materialista, é o cúmulo da tolice, por mais erudita que seja essa tolice. Em todo caso, o Dr. Rhine se consola ao afirmar que, em 1938, 8,8% dos cientistas consideravam a hipótese da percepção extrassensorial como fato estabelecido, enquanto que, em 1952, a percentagem havia subido para 16,6%. Ainda bem. A verdade vai-se impondo, lenta mas seguramente.

O autor continua doutrinando, aparentemente seus colegas recalcitrantes, e acrescenta que a percepção extrassensorial é hoje fato experimental. O postulado metapsíquico, que pretende que todo testemunho da lei natural seja

material, é falso. As hipóteses devem ceder diante dos fatos que as contradizem, senão a Ciência deixará de concordar com as realidades da Natureza...” E adiante: “os psicólogos se aperceberão de que dizer que toda a Natureza deve ser material não era senão uma hipótese de trabalho, da qual se tem abusado demais”.

Em seguida ele relaciona os homens eminentes da Ciência que, nos tempos correntes, se têm dedicado seriamente ao estudo da Parapsicologia e concluído pela sua legitimidade.

O capítulo conclui afirmando que já se dispõe de uma base sólida de fatos experimentais que confirmam pelo menos algumas das hipóteses sugeridas pelas experiências psíquicas espontâneas.



O capítulo seguinte estuda as fronteiras atuais das pesquisas. Seu objetivo inicial é o de estabelecer distinção nítida entre telepatia e clarividência, de um lado, e precognição e psicocinesia, de outro. Creio que são detalhes técnicos que interessam mais ao leitor especializado que nós, simples homens da rua em busca de esclarecimentos gerais.

Não obstante, esse capítulo contém alguns comentários preciosos sobre psiquismo e Patologia, que convêm ser referidos nestas notas. Ao contrário do que certos pseudocientistas apregoam — especialmente aqui no Brasil —, e certamente ao contrário do que muitos dos respeitáveis senhores da Igreja gostariam que fosse, as faculdades parapsíquicas não são sintomas de doenças nervosas e não se enquadram nos domínios da Psiquiatria e da Psicologia patológica. Raras vezes, o Dr. Rhine é tão enfático, tão positivo, no que afirma, como neste ponto.

“É indiscutível, diz ele, que, no estágio atual das pesquisas, não encontramos nada que permita ligar as funções parapsíquicas à psicopatia ou a quaisquer anomalias” (pág. 114).

Martelando várias vezes a mesma tecla, ele insiste em outras palavras: “... não existe, incontestavelmente, razão alguma para duvidar delas (experiências psíquicas espontâneas) nem de as considerar como mórbidas” (pág. 116).

Mais abaixo, na mesma página, afirma novamente o mesmo pensamento, ao dizer que algumas pesquisas foram feitas em hospitais de alienados, nos Estados Unidos e na Europa. Sua conclusão: “O mínimo que se pode dizer é que não há nenhuma razão especial em procurar, entre os doentes mentais, aptidões parapsíquicas excepcionais”. Pelo contrário, como adverte mais além, quanto “mais bem adaptado o indivíduo, maiores são suas *chances* de êxito” (pág. 117). E ainda (pág. 118): “Assim, então, o parapsiquismo é normal”.

Julgo oportuno insistir nesse pormenor. Creio que já é tempo de aconselhar nossos oponentes a abandonarem o tolo argumento de que Espiritismo é sinônimo de loucura. Se a afirmativa já era inútil, tornou-se inconveniente, nestes últimos tempos. É bom recolher o argumento ao museu de inutilidades e colocá-lo perto daquele outro que afirmava ser de origem demoníaca o fenômeno espírita.



No capítulo seguinte, na segunda parte do livro, o Dr. Rhine se propõe a analisar a realidade imaterial da Natureza. Mais uma vez volta ao tema da reação dos psicólogos aos fatos da Parapsicologia. “O que é surpreendente, diz o Dr. Rhine, é que não são os físicos, mas os psicólogos, que têm

protestado mais vivamente contra a conclusão de que o parapsiquismo transcende a explicação física” (pág. 165).

O certo é que os fatos são incontestáveis. “No momento, devemos concluir que há, nos resultados dos testes parapsíquicos, alguma coisa que exige um tipo ou uma ordem de realidade *extrafísica*. Que o futuro da Física e o futuro da Parapsicologia se arranjem” (pág. 166).

Passa, então, o Dr. Rhine a discorrer sobre o lugar do parapsiquismo na Ciência da vida. Sente-se, logo de início, sua dificuldade em explicar o fenômeno biológico da formação do corpo físico, que para nós, espíritas, está luminosamente claro desde que se admita a existência do perispírito. Pergunta o Dr. Rhine:

“Que forças, por exemplo, organizam as substâncias que constituem os organismos vivos e criam as formas que eles apresentam? Como podem tomar as características das espécies e como são elas conservadas e transmitidas em potencial, através de todos os estágios da reprodução? Para muitas outras questões deste gênero, ainda não encontramos resposta” (pág. 174).

Confessa também seu embaraço para explicar, entre outras coisas, a diferença final entre uma célula viva e outra morta. Conclui que muito poderá esperar a Biologia dos resultados que a Parapsicologia está colhendo. Ele próprio acha que os mestres da Biologia têm demonstrado menor dose de hostilidade em relação à Parapsicologia, que os psicólogos, o que é encorajador.



No capítulo sexto, o autor estuda parapsiquismo, psique e Psicologia. Ainda uma vez insiste em falar sobre os

psicólogos, que transformaram uma Ciência da alma, como a Psicologia, em uma ciência sem alma, de vez que passaram a se interessar mais pelo comportamento da pessoa humana, que pela estrutura imaterial dessa mesma pessoa. Mais além, protesta contra o postulado materialista de que toda a vida mental está contida implicitamente nos princípios físico-químicos da Neurologia. Nesse caso, bastaria conhecer bem o cérebro humano para decifrar todo o mistério da vida mental. E os fenômenos comprovados que desafiam explicações físicas? Que fazer com eles? Ignorá-los, à maneira da avestruz, não é solução, nem seria científico.

À pág. 213, numa espécie de profissão de fé, o Dr. Rhine confessa que não é espírita nem espiritualista, em nenhum sentido das palavras, mas que, sem dúvida, “existe uma realidade que domina o Universo em toda a sua importância e não há outro recurso senão chamar a essa realidade espírito humano”.



Na terceira parte do livro, o Dr. Rhine analisa a importância do parapsiquismo para a vida humana. Em seguida, no sétimo capítulo, trata de sua relação com o mundo da Religião.

Recorda que, em seu livro *The Reach of the Mind*, sugeriu que a Parapsicologia está para a Religião como a Biologia para a Medicina ou a Física para a Engenharia. Não tem ilusões, porém: sabe que “será vão esperar que as organizações religiosas estabelecidas realizem tais pesquisas. Os principais objetivos das organizações humanas de qualquer natureza são os de se conservarem e se perpetuarem. Seria fútil perder tempo em imaginar que elas pudessem ser realizadas dentro de uma Religião, sob a direção de sua hierarquia estabelecida”.

Quanto a mim vou mais longe, em face do que temos presenciado: as Religiões não somente evitarão a todo custo dar um passo para esclarecer o assunto, como, ainda, farão o possível para retardar a marcha das pesquisas que trazem a verdade em sua esteira.

E ainda acrescenta o professor Rhine essa advertência de profunda significação e oportunidade: “E, contudo, acho que a Religião tem hoje necessidade — e uma necessidade urgente — de toda a ajuda que lhe possam fornecer os melhores métodos de descoberta da verdade, nos domínios das pesquisas com ela relacionadas. Um desses, e o mais lógico, é o da Parapsicologia, sua parente natural” (pág. 227).

Segundo o autor — em sua insuspeitíssima opinião —, uma crise desse gênero está causando sérios danos à Religião. A verdade, continua, é que as religiões não estão mais à altura das contingências do mundo atual; encontram-se num estado de impotência “para realizar seu grande objetivo social: paz e fraternidade”. O próprio Comunismo, segundo o autor, é uma consequência, ou por outra, tornou-se possível somente à vista do fracasso das Religiões, pois que um povo religioso não se deixaria levar pela ilusão comunista.

Por outro lado, “há uma grande coisa que a Ciência pode fazer pela Religião: é descobrir, por métodos científicos, um elemento extrafísico no ser humano” (pág. 231). Não resta dúvida de que, pelo menos no mundo ocidental; a maior inimiga da Religião é a filosofia materialista. Pois bem. “É impossível” — diz o Dr. Rhine — “deixar de concluir que, no ser humano, ocorrem fenômenos que transcendem as leis da matéria, o que implica, por definição, uma lei imaterial ou espiritual” (pág. 231).

Muitas questões embaraçosas para as religiões são discutidas neste capítulo, mas seria impraticável comentá-lo

mais extensamente. Não se pode, no entanto, deixar de referir algumas, como, por exemplo, a que afirma a necessidade de evolução das ideias religiosas; se a Humanidade teve que abandonar o cabriolé a cavalo e a vela de sebo, por que não abandonaria conceitos filosóficos e religiosos inteiramente obsoletos? Outro: “sobre que bases sólidas de conhecimentos uma religião funda um dogma?” “Salta aos olhos que grande parte das ideologias, nas quais a Humanidade tem depositado sua confiança, não tem mais valor”.

É agora que podemos confirmar que não somente os psicólogos, mas também os representantes das Religiões estão serrando o galho em que se acham sentados.



No capítulo seguinte — “Relações com a saúde do Espírito” — o Dr. Rhine volta a insistir no ponto de vista de que as faculdades parapsíquicas nada têm a ver com a histeria e com as moléstias mentais. No século passado — o que de certa forma ainda persiste neste — acreditava-se que havia qualquer coisa de anormal nas referidas faculdades. É impressionante a insistência do Dr. Rhine neste ponto. “Ninguém revelou qualquer relação de causa e efeito entre a Patologia e a percepção extrassensorial” (pág. 250). Ou ainda: “se houvesse (alguma relação), os parapsicólogos concentrariam suas pesquisas nos hospitais de doenças mentais, onde encontrariam terreno mais propício às suas investigações” (pág. 251).

Nas páginas finais, o Dr. Rhine lança uma respeitável parcela de crédito à conta do Espiritismo, quando afirma: “Seja o que se possa pensar hoje, o movimento espírita contribuiu poderosamente para a organização do estudo dos

fenômenos psíquicos e para a fundação de sociedades que se têm ocupado disso, desde o último quartel do século XIX”.

É de se lamentar o precário conhecimento que o autor tem da Doutrina Espírita. Algumas de suas observações são até mesmo incongruentes, de modo especial quando discorre a respeito do problema da sobrevivência. Acha ele que o interesse do público e o dos próprios cientistas se tem concentrado mais nas faculdades parapsíquicas que na mediunidade. Poderíamos recomendar ao Dr. Rhine os magníficos trabalhos de Aksakof e Bozzano, sobre Animismo e Espiritismo, pois que está evidenciado que o autor não conseguiu ainda estabelecer distinção entre esses dois fenômenos, misturando-os lamentavelmente. Daí tirar esta conclusão que a verdade dos fatos de forma alguma poderia sustentar: “No conjunto, a hipótese da sobrevivência se encontra na situação mais desfavorável de sua história. Os antigos estudos da mediunidade não são concludentes e não têm nenhuma *chance* de serem repetidos”. Onde foi o Dr. Rhine buscar os fatos para essa afirmativa tão extravagante, sem substância e anticientífica? Continua dizendo que, a seu ver, a questão da sobrevivência não constituirá o objetivo principal das pesquisas futuras, que se concentrarão em assuntos mais promissores.

No entanto, reconhece que o problema não pode ser enterrado sumariamente. Ele próprio tem catalogados mais de três mil casos que, segundo suas próprias palavras: “... sugerem fortemente a ação de qualquer fator espiritual” (pág. 306). “Muitos não parecem explicáveis, tal como estão relatados, senão por um agente desencarnado, admitindo-se que tais fatos tenham sido bem relatados” (pág. 306). Em um dos casos, confessa o Dr. Rhine, “a intenção manifesta, atrás do efeito provocado, é tão própria de uma pessoa defunta, que não saberíamos razoavelmente

atribuir-lhe outra origem”. Há ainda, prossegue o autor, “casos em que o médium é uma criança ou um estranho, ignorantes de toda a filosofia espiritualista e desprovidos de qualquer motivação ostensiva”.

Ou então: “casos desta natureza (ele acabou de citar alguns) fazem pensar num agente pessoal dum gênero que não pertence verossimilhantermente a nenhum indivíduo vivo. Eles levam a perguntar se um comportamento *post mortem* ou espiritual é mesmo possível” (pág. 310).

Logo a seguir (pág. 312) informa que, a seu ver, a descoberta de *alguma coisa* cujas propriedades sejam inteiramente diferentes do corpo é fundamental à hipótese da sobrevivência. Mal sabe o Dr. Rhine que essa *alguma coisa* existe comprovadamente, para quem quiser ver. Falta-lhe conhecer ou admitir, à vista dos fatos observados, a existência do corpo perispiritual, que certamente lhe fornecerá o elo faltante em suas pesquisas sobre o assunto.



A nota final do livro contém certa tintura de humildade, que ficou bem. Diz o autor que ainda é muito pouco o que se fez no domínio da pesquisa parapsíquica. Há, porém, um vasto território a ser explorado e os novos mundos “suplantam sempre os sonhos mais magníficos do aventureiro que os descobriu. É nesta consciência de superioridade da verdade, sobre as mais queridas esperanças, que a Parapsicologia encontra encorajamento e confiança” (pág. 318).



Vemos que os cientistas ainda estão tateando nas profundezas desses domínios. Quem conhece, porém, a reve-